

Santuário de Nossa Senhora de Fátima

Diocese de Marília

Rua Antônio Rodrigues de Barros - 224 - Vila Barros - Dracena – SP

CEP. 17900-000 Caixa Postal 43 - Fone: 18 3821-1113

E-mail: santuariodefatiama@gmail.com

CURSO BÍBLICO 2024/05

LIVROS SAPIENCIAIS

O PROBLEMA DO BEM E DO MAL (E DA MORTE)

NOS LIVROS SAPIENCIAIS

Os sete livros Sapienciais:

Jó (Jó)

Salmos (Sl)

Provérbios (Pr)

Eclesiastes (Ecl)

Cântico dos Canticos (Ct)

sabedoria do Salomão (Sb)

Eclesiástico (Eclo)

INTRODUÇÃO

Embora em toda a Bíblia se fala do problema do mal, após o exílio (sec.3 a.C) provoca uma pergunta incessante: porque existe o mal? Por que tanto sofrimento? Porque devemos sofrer se Deus é bom e misericordioso? Como ainda hoje, diante de uma catástrofe, uma desgraça natural, ou até mesmo, diante de um sofrimento de um inocente e sobretudo, diante do mistério da morte, a pergunta espontânea: Porque existe o mal? Porque devemos sofrer injustamente? Basta ler o livro de Lamentações para saber como foi forte a dor e o trauma de Israel diante da experiência do exílio. A ideia tradicional é: o mal existe porque existe o pecado; como o mal, a consequência do pecado. O Livro do Provérbio é um exemplo disso: “Certamente o malvado não permanecerá

impunido, mas a descendência dos justos será salva” (Pr 11, 21). O malvado será, sem dúvida, punido. E “Se o justo aqui na terra recebe seu salário, quanto mais o ímpio e o pecador” (Pr 11,31). Aqui fala da recompensa que cada um recebe aqui na terra e não de além da morte. E o Salmo 37 inteiro, fala da recompensa do ímpio e do justo. Assim, os dois textos de Gn 3 e 4 nos apresentam com o mesmo esquema: o homem e a mulher pecaram e por isso chegou a morte no mundo. Ainda hoje as pessoas têm este pensamento: estou mal, porque Deus me castigou, eu pequei! E no tempo de Jesus, diante do Cego de nascença, os escribas perguntaram: “Senhor, quem pecou? Ele ou seus pais, ou antepassados?” (Jo 9) Então a ideia da retribuição percorre toda a Bíblia.

E como resposta à pergunta “porque existe o mal e a morte?” nasce uma série de literatura, no pós-exílio, chamada “*Livros apocalípticos*” que tentam dar respostas a este tipo de pergunta. Um destes livros é o livro de Enoc, que não entrou entre os Livros canônicos da Bíblia, mas tem sua influência no pensamento cristão e até nas margens dos textos bíblicos deste período, em particular nos Livros Sapienciais. E a carta de São Judas (NT) até cita o Livro de Henoc como Livro inspirado. E na Igreja de Etiópia usa o livro de Henoc como texto inspirado da Bíblia e o lê na Liturgia e por isso é um Livro que tem recebido sua importância. A resposta ao mal é muito simples lá (e toda ora muitos acreditam e falam até entre nós): é toda a culpa de Diabo. E neste livro fala pela primeira vez dos anjos caídos na terra, os vigias, e fala da existência do mal. Então na tradição clássica o mal é a consequência do meu pecado e na tradição apocalíptica é a culpa de diabo (Deus é inocente, o homem, pobrezinho, é um possuído do mal, culpa de satanás). Eliminando o satanás, elimina o problema. Deus virá um dia e vai punir todo mal que existe no mundo. É uma resposta muito simples: divide o mundo em dois: no bem e no mal.

No meio deste tem outra corrente que pensa diverso: os livros sapienciais. Se Deus é onipotente é inútil dar culpa ao diabo. É interessante aqui lembrarmos como São Tomás de Aquino começa a Suma Teologia respondendo a este tipo de problema. Ele começa com as duas perguntas: A 1ª pergunta é: Pode falar de Deus? Pode sim, pois a Bíblia fala de Deus. A 2ª pergunta é: E pode falar do diabo? Se existe Deus, não existe o mal. Mas o mal existe e então não existe Deus. Ele vai concluir que o mal é algo que não existe, o mal é a ausência de

Deus, é a falta do bem. Aqui o pensamento é filosófico. Vamos para o pensamento bíblico com os Livros Sapienciais.

Além dos três Livros: Salmos, Cântico dos Cânticos e Provérbios temos os 4 textos que tratam sobre o assunto do mal: Jó, Eclesiastes (Coélet), Eclesiástico (Sirácida) e Sabedoria. Examinaremos como cada um destes 4 livros trata sobre o assunto do mal.

JÓ

O livro de Jó é lembrado no NT, por Tiago “Tomai como exemplo de uma vida de sofrimento e de paciência os profetas que falaram em nome do Senhor. Notai que temos por bem-aventurados os que perseveraram pacientemente. Ouvistes falar da paciência de Jó e sabeis qual o fim que Deus lhe deu. Com efeito, o Senhor é misericordioso e compassivo” (Tg 5,10-11). Na realidade aqui o autor usa a palavra ipomene (ipo-meno em grego) que é a virtude do soldado: enfrentar as dificuldades com perseverança, é a capacidade de resistir apesar dos golpes dos males e isso não como uma resignação passiva do sofrimento, mas enfrentando com vigor e entusiasmo tudo o que acontece na frente.

Quem era Jó?: O livro começa com “Havia na terra de Hus” 1,1: Fala de uma história, uma lenda e não de um homem real. E habitava na terra de Hus, ou seja, não é israelita. É um exemplo para dizer que ele é um homem que não conhecia o Deus de Israel, mas era íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal (como Noé Gn 6,9) e por isso ele é um exemplo para todos os povos, independente da religião. Íntegro (diante de Deus), reto (em relação aos outros) significa agradável a Deus e aos outros. E era um homem rico: para o AT, a riqueza é a bênção e a recompensa de Deus para sua vida reta. E ele, além de ser homem reto, justo e abençoado por Deus, faz também além do que era seu dever normal. Ele fazia banquetes e visitava as casas dos seus filhos. Os filhos de Jó fazem festa e Jó faz sacrifício de purificação pensando em remediar os pecados, por acaso, seus filhos cometessem durante a festa. Ou seja, é um homem que quer fazer sacrifício e penitência não só para seus pecados, mas também dos outros. Por isso ele é verdadeiramente um homem justo e reto.

Um dia os filhos de Deus (corte celestes angélica) vão até a Deus e o satã também. Satã era um dos anjos que dentro da corte celeste que gostava criar a

confusão, era o adversário, o acusador que tinha os olhares vigilantes esperando uma oportunidade de atacar alguém. Uma vez criando confusão ele some. Assim acontece também com o livro de Jó. Ele aparece somente no início da narração e depois nunca mais. Quem faz toda a história são os amigos de Jó, sua esposa e Deus e nunca aparece satã. Ele é aqui só para dar um início a uma história trágica, à uma confusão, como acontece na história de muitos casais e muitas amizades.

Ele coloca em questão o homem apresentando a Deus um argumento: “É fácil crer em Deus quando tudo vá bem. Prova de tocar em Jó, tira as coisas que ele tem, vamos ver se ele vai continuar sendo um homem reto e íntegro”. Então o problema aqui (não é sofrimento ou paciência, mas) é crer em Deus.

O problema do sofrimento é um fato da vida que vem para todos independente da fé e, o problema de Deus, crer em Deus vem em questão ao enfrentar estes sofrimentos. Posso crer em Deus ainda que a dor me invade? “É por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens?” (Jó 1,9-10). É uma pergunta para nós todos. Eu creio em Deus porque tudo vai bem? O dia em que vem retirado tudo (é retirado aos poucos) qual seria a minha fé?. Qual seria a minha mente e o meu pensamento diante da vida? A fé, ao final da conta, tem algum interesse? Creio porque me convém crer. Ou, creio e basta sem outros interesses.

E do outro lado, Deus crê e confia em Jó: “Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto e teme a Deus e se afasta do mal.” (Jó 1,8). Aqui o autor está já colocando de antemão a verdade das coisas: Jó verdadeiramente é um homem íntegro e reto e Deus sabe disso. Não pela aparência ou para mostrar ao mundo, à mídia ou aos amigos. O Senhor sabe que ele perseverará no bem ainda que os males caíam sobre ele e por isso o Senhor aposta nele.

****Ao chamar cada um de nós ao seguimento d’Ele o Senhor apostou sobre nós. Será que ele vai vencer?.**

COMO DEUS PERMITE O SOFRIMENTO PARA UM JUSTO QUE NÃO MERECE O CASTIGO?

O problema do Livro de Jó não é o sofrimento, não é o problema da paciência, mas é a pergunta: Como Deus pode permitir um sofrimento para um homem que

não merece o castigo, pois é homem justo?. Há 2 mil anos atrás da época bíblica já existia no Egito e Mesopotâmia textos que colocavam o mesmo problema e cada um querendo responder de uma forma diferente e todos em forma superficial. E Jó nega todas estas respostas: de negar a pensar de morrer, de tirar a vida (por isso a esposa de Jó lhe fala de morrer); de negar a resposta de Fidíssimo (confia em Deus, ele vai resolver tudo); de negar a resposta Hedonista (goza a vida, não tem outra coisa para fazer) etc; Jó nega de dar a culpa a Deus (Deus não pode ser assim) etc.

E do outro lado, é bom lembrarmos que, o problema do mal vem colocado não por Jó, mas pelos seus três amigos:

De fato, Satanás aparece apenas no primeiro capítulo e depois some. Deus no primeiro e nos últimos capítulos. O corpo principal do livro é a presença dos 4 amigos: cada um aparece como se fosse um amigo solidário que quer compadecer com Jó, quer estar ao seu lado, quer consolá-lo, mas na verdade, atrás daquela amizade tem palavras cortantes contra Jó, com seus argumentos teológicos e sábios provocam e apontam o dedo contra Jó. Os amigos se tornam acusadores.

Do cap.4 a cap.27 os três primeiros expõem suas visões sobre o mal: cada um intervém três vezes.

Elifaz de Temã: um homem profeta,

Baldade de Suás homem da Lei e

Sofar de Naamat, o sábio.

E após um discurso sobre a sabedoria e as palavras de Jó intervém o quarto amigo, **Eliu** (cc. 32-37), e ele a sua vez apresentando-se como o melhor amigo, apontando o dedo contra os outros três que não souberam falar bem.

Segundo um comentário do Papa Gregório Magno: “Estes amigos tanto mais se consideram justos aos próprios olhos, tanto mais se tornem duros diante das dores dos outros. Não sabem transferir para si as dores e fragilidades dos outros; São tão orgulhosos que não se consigam colocar-se no pano dos humildes;... e eles representam os heréticos (embora parecem os defensores da fé) e da parte de Deus, todos eles vem reprovados”. São aqueles tipos de doutores que dizendo a verdade não há um mínimo de caridade”, assim como comentava o Papa Francisco no “Amoris Laetitia” . Enquanto se esforçam em defender Deus o ofendem. Deus não precisa ser defendido por nós. Deus, ao final do livro,

intervém e diz “vocês são estúpidos, não são sábios como meu servo Jó” (Jó 42,7).

Elifaz, por exemplo, acusa Jó dizendo que é Deus mesmo me mostrou o que estou falando:

“Ouvi furtivamente uma revelação, meu ouvido apenas captou seu murmúrio: numa visão noturna de pesadelo, quando a letargia cai sobre o homem, um terror apoderou-se de mim e um tremor, um frêmito sacudiu meus ossos. Um sopro roçou-me o rosto e provocou arrepios por todo o corpo. Estava parado — mas não vi seu rosto —, qual fantasma diante dos meus olhos, um silêncio... depois ouvi uma voz: “Pode o homem ser justo diante de Deus? Um mortal ser puro diante do seu Criador? Dos próprios servos ele desconfia, até mesmo a seus anjos verbera o erro. Quanto mais aos que moram em casas de barro, cujos fundamentos se assentam sobre o pó! Serão esmagados mais depressa do que a traça; esmigalhados entre a manhã e a noite, perecem para sempre, pois ninguém os traz de volta. O esteio de sua tenda é arrancado, e morrem sem sabedoria.” (Jo 4,12-21).

Como hoje muitos falam: “Nossa Senhora me falou”, “eu sonhei” devo fazer assim, devo dizer assim. Ninguém pode discutir sobre isso etc.

E no cap.5 Elifaz diz:

“Pois a iniquidade não nasce do pó, e a fadiga não brota da terra. É o homem que gera a miséria, como o vôo das águias busca a altura. Mesmo assim eu recorreria a Deus, a Deus entregaria a minha causa.(Jó 5, 6-8).

Então, em poucas palavras, a culpa das tuas desgraças é tua mesmo.

É o mesmo argumento que vão colocar todos os três amigos.

E **Eliu**, o quarto amigo intervém com mesma modalidade:

“Será que, a teu ver, deverá ele punir, porque rejeitas as suas decisões? Como és tu que escolhes, e não eu, faze-nos conhecer o teu conhecimento! Homens sensatos dir-me-ão, bem como o sábio que me escuta: “Jó não falou com conhecimento, e suas palavras não levam ao bom proceder.” Pois bem, que Jó seja examinado até o fim, por suas respostas dignas de um ímpio! Porque ao seu pecado acrescenta a

rebelião, põe fim ao direito em nosso meio e multiplica suas palavras contra Deus.(**Jó 34, 33-37**).

Segundo **Eliu**, só Deus tem razão, Jó não tem razão. Eliu no **cap.36** aparentemente introduz um pensamento novo: Deus te manda um sofrimento para te converter:

“Espera um pouco que eu te instruirei, tenho ainda mais razões em favor de Deus. Trarei de longe meu conhecimento para justificar meu Criador. Na verdade, minhas palavras não são falazes, fala contigo um sábio consumado. Deus não rejeita o homem de coração puro. Não deixa viver o ímpio em plena força. Ele faz justiça aos pobres, e faz prevalecer os direitos do justo. Quando eleva reis ao trono e se exaltam os que se assentam para sempre, então amarra-os com cadeias, e são presos nos laços da aflição. Ele lhes dará a conhecer as próprias ações e quão graves eram suas faltas. Abre-lhes os ouvidos à disciplina e exorta-os a que se afastem do mal. Se o escutarem e se submeterem, terminarão seus dias em felicidade e seus anos no bem-estar. Mas, se não o escutarem, atravessarão o Canal e morrerão como insensatos. Os de coração perverso, que retêm sua ira e não pedem auxílio quando os aprisiona, morrem em plena juventude, e sua vida é desprezada (Jó 36. 1-14).

Jó responde a todo mundo no cap. 21 dizendo que esta retribuição não existe, não é de Deus:

“Escutai atentamente minhas palavras, seja este o consolo que me dais. Permite que eu fale, e, quando tiver terminado, zombai à vontade. É de um homem que me queixo? Como não hei de impacientar-me? Olhai para mim e empalidecei, ponde a mão sobre a vossa boca. Só em pensar nisso, fico desconcertado, um pavor apodera-se do meu corpo. Por que os ímpios continuam a viver, e ao envelhecer se tornam ainda mais ricos? Vêem assegurada a própria descendência, e seus rebentos aos seus olhos subsistem. Suas casas, em paz e sem temor, a vara de Deus não as atinge. Seu touro reproduz sem falhar, sua vaca dá cria sem abortar. Deixam as crianças correr como cabritos, e seus pequenos saltar como cervos. Cantam ao som dos tamborins e da cítara e divertem-se ao som da flauta. Sua vida termina na felicidade, descem em paz ao Xeol. Eles que diziam a Deus: “Afasta-te de nós, que não nos interessa conhecer

teus caminhos. Quem é Shaddai, para que o sirvamos? De que nos aproveita invocá-lo?" Acaso não têm eles a prosperidade em suas mãos, e Deus não se afastou do conselho dos ímpios? Quantas vezes se vê apagar a lâmpada do ímpio, a infelicidade cair sobre ele, a ira divina destruir os seus bens, o vento arrastá-lo como palha, o turbilhão levá-lo como debulho? Deus o puniria em seus filhos? Que dê a ele mesmo o castigo merecido, para que o sinta! Que seus próprios olhos vejam sua ruína e ele mesmo beba a cólera de Shaddai! Pois que lhe importam os de sua casa, depois de morto, quando a quota de seus meses estiver preenchida?" (Jo 21, 2-21)

E Jó continua falando: porque os malvados vivem bem? Se prosperam? Então onde está a justiça de Deus? E no **cap. 24, 1ss.**:

"Por que Shaddai não marca o tempo e seus amigos não chegam a ver seus dias? Os Ímpios mudam as fronteiras, roubam rebanho e pastor. Apoderam-se do jumento dos órfãos e tomam como penhor o boi da viúva.... Se não é assim, quem me desmentirá ou reduzirá a nada minhas palavras?" (Jo 24,1-4.25).

E no **cap. 9** Jó fala: com o Deus que vocês falam é melhor nem discutir. E Deus ri das nossas falências:

"Jó tomou a palavra e disse: Sei muito bem que é assim: mas como poderia o homem justificar-se diante de Deus? ...É por isso que digo: é a mesma coisa! Ele extermina o íntegro e o ímpio! Se uma calamidade semear morte repentina, ele se ri do desespero dos inocentes; deixa a terra em poder do ímpio e encobre o rosto aos seus governantes: se não for ele, quem será então? (Jó 9,2.22-24).

COMO RESOLVER AGORA O PROBLEMA DE JÓ?

Jó crê que existe um Deus diferente do deus dos seus amigos que possa lhe dar resposta. Tem alguém no céu que faz o árbitro, o mediador, um defensor entre ele e Deus. Aquele que conhece a verdade na sua totalidade, do início até ao fim. Ele expressa isso nos cap. 14,16 e 19:

"Ó terra, não cubras meu sangue, não encontre meu clamor um lugar de descanso! Tenho, desde já, uma testemunha nos céus, e um defensor

nas alturas; intérprete de meus pensamentos junto a Deus, diante do qual correm as minhas lágrimas; que ele julgue entre o homem e Deus como se julga um pleito entre homens. Porque passarão os anos que me foram contados e empreenderei a viagem sem retorno” (Jó 16,18-22).

Jó no cap. 19 confirma que vai ver o rosto de Deus apesar destes dias de tribulação. E é um texto que nós usamos na Liturgia, nas celebrações das exéquias, embora aqui não se fala nada sobre a situação do defunto após a morte. Jó fala que vai ver Deus antes de morrer, com a carne de agora:

"Oxalá minhas palavras fossem escritas e fossem gravadas num livro, gravadas por estilete de ferro em chumbo, esculpidas para sempre numa rocha! Eu sei que meu Defensor está vivo, e aparecerá, finalmente, sobre a terra. Por trás de minha pele, que envolverá isso, na minha própria carne, verei Deus. Eu mesmo o contemplarei, meus olhos o verão, e não os olhos de outro; meus rins se consomem dentro de mim." (Jo 19 23-27).

A esperança de Jó é ver face a face com aquele Deus com quem está litigando e isso não depois da morte, mas antes, aqui na terra dos vivos, pois este Deus que é o defensor (para eles) está vivo. E de fato no final do livro Jó vai encontrar-se com Deus (aqui na terra).

E é interessante como termina o discurso do 4º amigo **Eliu no cap. 37:**

“Shaddai, nós não o atingimos. Mas ele, na sublimidade de seu poder e retidão, na grandeza de sua justiça, sem oprimir, impõe-se ao temor dos homens; a ele a veneração de todos os corações sensatos”.

Em poucas palavras Deus está em cima e tu aqui na terra. Não tem acesso para ele.

E no cap. 38 começa a resposta de Deus (ironicamente dá resposta ao teólogo Eliu), “Deus respondeu a Jó, do seio da Tempestade” e esta resposta é aqui na terra e não após a morte.

A RESPOSTA DE DEUS (cc.38-42)

E a resposta de Deus, nada a ver com os discursos feitos pelos amigos de Jó e Ele responde com as perguntas:

No primeiro discurso, Deus pergunta: (é uma resposta bem franciscana) olhas para o céu, o sol, a lua, os astros, o vento, olha para a terra e debaixo da terra, os mares com todos os seus seres vivos, os animais, a coroa, a urso, o leão, o

corvo, as corças, a avestruz, etc. quem criou tudo isso? Quem é que administra o universo e o percurso da vida de cada ser? Quem prepara o alimento, o parto e o nascimento de cada um?

E Jó responde:

“Eu vi coisas mais altas do que eu. Eis que falei levianamente: que poderei responder-te? Porei minha mão sobre a boca; falei uma vez, não repetirei; duas vezes, nada mais acrescentarei” Jó 40,1.

Na verdade, aqui é o eco do salmo 131: “não ando atrás de grandezas, nem de maravilhas que me ultrapassam. Fiz calar e repousar meus desejos, como criança desmamada no colo de sua mãe, como criança desmamada estão em mim meus desejos. Sl 131.

E no segundo discurso Deus pergunta a Jó? Quem cuida dos animais do prado? E quem tem o poder sobre os seres debaixo do mar, do Leviatã? Tu conheces tudo isso?

E Jó responde a Deus segunda vez:

“Reconheço que tudo podes e que nenhum dos teus desígnios fica frustrado... falei de coisas que não entendia, de maravilhas que me ultrapassam. Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem: por isso retrato-me e faço penitência no pó e na cinza” Jo 42,1-6.

A percepção sobre Deus em Jó muda completamente a partir da sua experiência. Não porque ele tem agora resposta às suas interrogações. A ideia transmitida pelos antepassados não lhe deu satisfação, a partir da sua experiência agora ele sabe quem é Deus. E diante desta experiência pessoal de Deus Jó não tem mais nada para justificar, nem perguntar. Sua atitude é calar a boca e continuar contemplando as maravilhas de Deus.

E a resposta de Deus a Jó é puramente empírica e não teológica, é a partir da sua experiência, da sua experiência com a natureza e não algo do Alto, além da compreensão humana.

Nós temos argumentos perversos de bom e ruim, do justo e do malvado. Desde pequenos nós aplicamos a cada coisa boa e ruim: águia é ruim, pombas são mansos, leão é feroz e cordeirinho é manso etc. Deus convida Jó **a fazer a passagem da crítica para a contemplação**: olha para o mundo e contempla as maravilhas da criação e chegue à conclusão. O caminho para chegar a Deus é

muito simples assim como o fez, o Alter Christus, São Francisco, maravilhando-se do irmão sol e a irmã lua, irmão vento e irmã água, irmão fogo e irmã e mãe terra concluir cantando: Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, a Ti toda a honra e todo louvor.

A resposta sapiencial é uma resposta não como nós queremos, mas é uma resposta. Dizia Aristóteles “A mãe da sabedoria é a maravilha e o sábio sabe passar da maravilha ao saber”. Então a filosofia é conhecer a causa divina e humana dos seres vivos. Jó vai dizer que **‘o sábio é aquele que sabe contemplar e permanecer sem entender nada e nem pretender de sabê-lo’**. Ou seja, para Jó, o mal permanece, o que mudou é a maneira de olhar as coisas com um ponto de vista diferente.

É interessante o cap. 40 onde Deus apresentando a Jó o **Leviatã e Beemot** fala se queres usar o poder e matar todo mal que existe, faça. Vamos ver se tu consegues eliminar os malvados e o mal: “serás capaz de passar-lhe um junco pelas narinas ou perfumar-lhe as mandíbulas com um gancho?... Põe-lhe em cima a mão: pensa na luta, ...”. Jo 40, 25-32.

Estes dois animais representam **a força misteriosa do mal** de Gn 1. Ou seja, o mal, as trevas não são explicáveis. Quando Gn 1,1 fala “No princípio Deus criou o céu e a terra. Ora a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo...”. Deus não fala seja as trevas. Deus não criou as trevas, já existia. Um mal que existe como se esperando para os homens para atacá-los apenas ele esquecer de Deus.

E ao final, Jó entendeu que **Deus não tem de prestar-nos contas**, e que sua sabedoria pode conferir um sentido insuspeito à realidade como o sofrimento e a morte. E a resposta final de Jó: 42,1-6:

Ao encontrar-se com Deus, cai por terra todas as interrogações de Jó e diante dele só o silêncio, a contemplação e as maravilhas e não como os quatro amigos teólogos que pretendiam saber de tudo, falavam tanto e não conseguiam responder a nada. E Jó fala pouco, aliás, fechou a boca e entende tudo. É assim como acontece entre os casais e amigos ao romper os relacionamentos: quanto mais explica mais perguntas vão surgir: “Me explique isso”, como foi? O porquê? E quanto mais procura de explicar e explicar e não encontra nem resposta justa nem a paz interior.

E Jó continua sendo uma pessoa doente e sem entender nada, mas ele assume uma atitude que é consolante: “retrato-me e faço penitência no pó e na cinza” (Jó 42,6): O clássico gesto da dor e penitência é colocar-se a cinza e fazer penitência, assim como fizeram Abraão (Gn 18, 22-32; 20,7) Moisés (Ex 32,1) Amós (7, 2-6). Jó aparece aqui como o futuro Servo de Yahweh, um intercessor a favor dos outros. O livro de Jó não responde à pergunta: “porque existe o sofrimento?”, mas como é possível continuar a viver no meio do sofrimento, na ótica da fé.

E o livro termina com Deus chamando a atenção dos três teólogos e elogiando Jó: “disse a Elifaz: Estou indignado contra ti e teus dois companheiros, porque não falaste corretamente de mim, como o fez meu servo Jó”. E pelos méritos de Jó, pelas suas orações, estes três vêm salvos.

COÉLET (ECLESIASTES)

INTRODUÇÃO

Coélet, o nome do livro, provém da primeira e última palavra do livro, “Palavras de Coélet, filho de Davi, rei em Jerusalém” (Ecl 1,2.12; 7,27;12,8-10). A palavra “Coélet” (em hebraico) é o nome oficial da pessoa que fala na assembleia (Eclésia (grego)= assembleia), ou seja, o pregador da assembleia, daqui vem o nome do livro Eclesiastes.

“Filho de Davi, rei de Jerusalém”, faz alusão ao rei Salomão. O tema principal do livro é: tudo é transitório, tudo é um sopro e o bem e mal tem o mesmo fim.

A diferença entre os dois livros (o de Jó e o de Eclesiastes) Jó faz a pergunta, a razão do mau e Coélet diz que tudo é sopro, mas goza das pequenas alegrias que Deus te dá, pois depois o fim será tudo igual. Todos vão para Xeol. Assim é agrado de Deus e o homem não tem o que questionar a Deus e Deus não tem de prestar contas (3,11.14; 7,13). E ele deve aceitar das mãos de Deus tanto as alegrias como as provações (7,14).

Se o livro de Jó nos apresenta o problema do mal, o livro de Coélet trata principalmente o problema da morte. Pois a morte é o fim de todas as ilusões do homem. É um livro misterioso e corrompido.

A maioria quando fala do Livro de Coélet sabe dizer as palavras famosas: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”, uma palavra que Coélet nunca disse! O

autor usa a palavra “Hebel, cabalim” Hebel é nome de segundo filho de Adão, Habel significa sopro que é uma imagem (não um conceito) assim como água, a sombra, a fumaça. Como nos Salmos fala: “Me refugio à sombra das suas asas” não significa que Deus tem as asas. E não posso traduzir “me refugio à sombra da sua proteção” já perde o significado completo. A poesia deve ser usada como poesia. É uma imagem que existe um significado poético e alegórico atrás. Então “o sopro dos sopros”, absolutos sopros, indica algo transitório, passageiro, efêmero, inconsistente. Não posso segurar na mão um sopro. Vaidade é algo diferente, é um conceito moral, algo que não é correto. Por isso devemos ler não como vaidade das vaidades, mas sopro dos sopros, tudo transitório, tudo passageiro, tudo efêmero.

IMITAÇÃO DE CRISTO

Tornaram mais conhecidas as primeiras palavras de Coélet através o livro da Imitação de Cristo que começa dizendo assim:

“Vaidade, pois, é buscar riquezas que perecem e confiar nelas. Vaidade é também ambicionar honras e desejar posição elevada. Vaidade, seguir os apetites da carne e desejar aquilo pelo que, depois, serás gravemente castigado. Vaidade, desejar longa vida e, entretanto, descuidar-se de que seja boa. Vaidade, só atender à vida presente sem providenciar para a futura. Vaidade, amar o que passa tão rapidamente, e não buscar, pressuroso, a felicidade que sempre dura, pois, “Os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir” (Ecl 1,8). Portanto, procura desapegar teu coração do amor às coisas visíveis e afeiçoá-lo às invisíveis: pois aqueles que satisfazem seus apetites sensuais mancham a consciência e perdem a graça de Deus” (Imitação de Cristo. 1,4).

USO NA LITURGIA:

É um livro que nos coloca em crise. É contrária ao Evangelho e, a Liturgia não usa quase nunca o livro. Em cada três anos uma só vez: 18º domingo do Tempo Comum ano C. e isso apenas 3 versículos do cap.3.

DATA E CONTEXTO:

O livro foi escrito por volta de 250 a.C, na época grega em que Alexandro Magno já tinha conquistado o Oriente, e Coélet inicia a confrontar-se com o nascente mundo grego que coloca ao centro do mundo econômico a moeda ao contrário

do conceito dos Israelitas que conservava o sistema transações comerciais. O contexto deste novo curso da história de então podemos encontrar no Ecl 5,7:

“Se numa província vês o pobre oprimido e o direito e a justiça violados, não te surpreendas: quem está no alto tem outro mais alto que o vigia, e sobre ambos há outros mais alto ainda. O proveito da terra pertence a todos: um rei se beneficia da agricultura . Quem ama o dinheiro, nunca está farto de dinheiro, quem ama a abundância, nunca tem vantagem... Onde aumentam os bens, aumentam também aqueles que os devoram: que vantagem tem o dono, a não ser ficar olhando? Coma muito ou coma pouco, o sono do operário é gostoso; mas o rico saciado nem consegue adormecer” Ecl 5, 7-11.

Aqui está o panorama em que o livro vem escrito.

TEMAS CENTRAIS:

1. Coélet contra a ideia do apocalíptico (os homens e os animais têm o mesmo destino):

Coélet é muito polémico contra o livro de Enoc: Ou seja, contra a ideia tradicional de que a presença do mal é outro lado da moeda do bem e que, um dia, vai vir Deus para destruir o mal, vencer o bem e a terra será dominada pelo bem vencido. Segundo Coélet, “Não tem nada de novo debaixo do sol” (Ecl 1,9). Por isso não esperam nada de novidade apocalíptica, pois isso faz parte das fantasias. “Das muitas tarefas (preocupações) vem o sonho, das muitas palavras, (dos muitos bate-papos), vem os discursos insensatos (estúpidos)” Ecl 5,2. Por isso deixa pra lá os sonhos, fantasias e discursos. Deus, no céu e tu, na terra, sejam poucas as tuas palavras. Seu ponto de partida por isso é exame crítico da realidade concreta. Para Coélet o que existe é o que vivo, o que vejo e o que experimento:

No **cap.1** expõe o seu programa (escondendo-se numa máscara): “Eu, o Eclesiastes, fui rei de Israel em Jerusalém. Apliquei meu espírito a um estudo atencioso e à sábia observação de tudo que se passa debaixo dos céus... "Eu disse comigo mesmo: Eis que amontoei e acumulei mais sabedoria que todos os que me precederam em Jerusalém. Porque meu espírito estudou muito a sabedoria e a ciência, e apliquei o meu espírito ao discernimento da sabedoria, da loucura e da tolice. Mas cheguei à conclusão de que isso é também vento

que passa. Porque no acúmulo de sabedoria, acumula-se tristeza, e que aumenta a ciência, aumenta a dor." Ecl 1,12-18.

Fui rei de Israel: Os rabinos de Israel interpretavam esta parte assim: o rei Salomão tornou-se rei, grande e poderoso, percebeu que a riqueza é um sopro, que o poder é um sopro, que a vida mesmo é um sopro, e então deixando o manto régio, foi para deserto para meditar sobre sua vida regalia falida. Quando estava velho escreve o livro do Coélet. Segundo a tradição rabínica, Salomão escreveu três livros: quando era jovem, quando gostava de muitas mulheres escreveu o livro do Cântico dos Cânticos, quando se tornou homem maduro escreve o livro dos Provérbios e depois quando velho escreve o livro de Coélet.

2. A sabedoria é uma coisa para procurar e explorar: e o resultado: tudo é passageiro, tudo é um sopro. E Coélet diz:

“Coloquei todo o coração em investigar e em explorar com a sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu. E isto é uma tarefa muito fadigosa e preocupante que Deus deu aos homens. Examinei todas as obras que se fazem debaixo do sol” Ecl 1, 13-14.

A sabedoria é uma coisa para procurar e explorar. E é uma tarefa fadigosa, pois nunca termina a sua procura e que dura por toda a vida. Coélet procurando as coisas do mundo quer entender o sentido do mundo e o resultado, à primeira vista é um falimento. “Tudo é um sopro e um vento” é o refrão que repete todo o livro. Quanto mais procuro conhecer, menos entendo as coisas. Ecl 8,16-17: “Vi que o homem não é capaz de descobrir toda a obra de Deus”. E ainda assim continua a procurar. E o resultado é: reconhecer que tudo é sopro e tudo é passageiro. Na verdade, nos Salmos 5 vezes fala disso: Sl 39, 62 e 144. “cada homem é um sopro” (cada Adam é um Abel – não Caim). No cap. 2 fala 5 vezes que a vida é um sopro .

E Coélet conclui dizendo que tanto faz viver como bom ou ruim, todos vêm a morrer.

“Tudo é mesmo para todos, uma sorte única, para o justo e o ímpio, para o bom e o mau, para o puro e o impuro, para quem sacrifica e quem não sacrifica; para o bem e o pecador, para quem jura e quem evita o juramento. Este é o mal que existe em tudo o que se faz debaixo do sol....” Ecl 9, 2-3.

É um texto equivocado. A morte leva consigo cada sorte humana, que te goste ou não, não vai poder voltar para esta vida.

E no cap. 3 o Coélet vá contra o pensamento do livro de Enoc que falava na época que os ímpios vão para Xeol e os justos vão para as bem-aventuranças, para cima, ou seja, o inferno e o paraíso, nos termos de hoje.

Coélet diz no **Ecl 1, 18**:

“... os homens são os animais, sua sorte é a mesma dos animais. Os dois morreram igual, é a única sorte para ambos. Tudo vem do pó e volta ao pó . Quem sabe se o sopro vital do homem sobe para o alto e o sopro do animal desce para o baixo, para a terra? E então não existe nenhum proveito a morte”.

Aqui Coélet nega a vida além da morte e os homens e animais têm o mesmo destino. Até aqui Coelet é um pessimista.

3. **Usar com ação de graças as alegrias presentes** - coma, beba, desfrutando do produto de todo seu trabalho -, pois são bênção de Deus, são dom de Deus (sentido positivo do livro de Coélet):

Mas tem um outro lado positivo de Coélet que muitos estudiosos não tomam em consideração: Os Israelitas leem o livro de Coélet durante a festa de Sucot, a festa das Cabanas (a festa dos Tabernáculos) lembrando dos 40 anos da caminhada no deserto . Temos dois comentaristas que leram este livro a chave positiva: O primeiro é **Martin Lutero (1483-1546)**: ele diz: “que o objetivo deste livro é ensinar-nos para usar com ação de graças as coisas presentes e as criaturas de Deus. Que Deus nos dá com sua bênção sem preocuparmos com as coisas futuras com coração tranquilo e alma alegre.

Após algum tempo, **Cornélio a Lápide (1567 1637)**, um padre jesuíta, comenta: que o objetivo do livro é ensinar-nos a usar as coisas da terra com alegria. É o ambiente humanístico e o mesmo pensamento de Lutero. Segundo ele, Coélet responde ao problema do mal dizendo sete vezes no livro que é possível viver a vida com alegria, como um dom de Deus. É o famoso **setenário da alegria**: São sete textos onde Coélet aplica o mesmo refrão: Ecl 3, 10ss: “observo a tarefa que Deus deu aos homens para que dela se ocupem: Deus fez cada coisa bela e apropriada em seu tempo. Também colocou no coração do homem o conjunto do tempo, sem que o homem possa compreender a obra que Deus realiza desde

o princípio até o fim”. Esta não é uma frase do pessimista. Ou seja, o homem percebe que existe um mistério no tempo, mas não a entende plenamente. Depois continua:

Cap.1: “E compreendi que não há felicidade para ele, a não ser no prazer e no bem-estar durante sua vida. E, que o homem coma, beba, desfrutando do produto de todo seu trabalho, é dom de Deus. Compreendi que tudo o que Deus faz é para sempre” (Ecl 3, 12ss.).

A alegria existe, pois é recebida como dom de Deus.

No cap.2 fala ao contrário: o rei Salomão procurou a alegria (nas mulheres, nas bebidas, nas festas etc. mas depois tudo se perdeu). E aqui o homem não procurou, mas ele recebe como dom de Deus e então não perde. É a diferença entre o querer possuí-lo e a graça de recebê-lo. Tudo é um sopro para quem não aceita uma alegria que é puro dom de Deus. E não um dom que ele recebe como recompensa de um comportamento justo.

4. Alegria e tristeza, não é recompensa, mas do Seu agrado:

E não é verdade que ele dá a alegria aos bons e tristeza aos ruins:

“Eis que a felicidade do homem é comer e beber, desfrutando do produto do seu trabalho; e vejo que também isso vem da mão de Deus, pois quem comerá e quem se alegrará, isso também vem dele. Ao homem, do Seu agrado ele dá sabedoria, conhecimento e alegria”. Ecl 2,24-26.

Ou seja, Deus dá alegria àquele que Ele quer, com critério dele, não porque um merece ou outro não merece, um fez bem ou outro não fez bem e por isso não merece. Não por méritos, mas assim como Deus quer que cada um viva ou goze. Não somos nós os juízes de Deus. Esta é a mensagem de Coélet: existe a alegria, mas é dom de pura graça. Se é de graça não é por mérito. Se a acolhe então encontra-se na alegria. O problema é que o homem muitas vezes não a acolhe como dom, mas quer como mérito. E seguindo o proveito perde a alegria. Tudo é um sopro e um seguir o vento; chega a irmã morte e leva consigo cada ilusão. Assim por exemplo,

Ecl 5,17: “Eis o que observo: o que melhor convém ao homem é comer e beber, encontrando a felicidade em todo o trabalho que faz debaixo do sol, durante os dias da vida que Deus lhe concede. Todo homem a quem Deus

concede riquezas e recursos que o tornam capaz de sustentar-se, de receber a sua porção e gozar do seu trabalho, isto é um dom de Deus”.

Deus responde com a alegria do seu coração. A alegria não é de paraíso, mas de comer, de beber etc. Aqui não se fala de uma alegria espiritual, de oração etc. mas de comida e de bebida e da mulher etc. Ou seja, uma alegria muito real, concreta.

Os judeus acusaram Jesus dizendo que ele era “um comilão e bebedor” (Mt 11,19). Em poucas palavras, é verdade que a vida é um sopro, com a morte termina tudo, mas nas pequenas coisas da vida cotidiana, tem a alegria que Deus traz. Igual como São Francisco se alegra e louva a Deus diante de três pedaços de pão recebidos, junto com a fonte e Frei Leão pergunta: porque louvar a Deus se tem só três pedacinhos? Porque é de graça, não por mérito.

Permanece ainda a parte mais dura do livro de Coélet: por ex. **cap. 4:**

“Observo ainda as opressões de todos os que se cometem debaixo do sol: aí estão as lágrimas dos oprimidos, e não há quem os console” (Ecl 4,1).

Lembramos aqui como começa o segundo Isaías (o Livro da Consolação cap. 40ss): “Consolai, consolai meu povo, diz a voz de Deus” (Is 40,1). Aqui para É o lado irônico de Coélet. E assim Ecl 10, 5; “ Há um mal que vejo debaixo do sol, erro que vem do soberano: o estúpido ocupando os cargos mais elevados, no entanto os sábios caminham nas sombras”. Coélet não tem um Deus que console. E Coélet diz: “não há quem lhe console”.

4. Temer Deus:

É um tema tradicional da Bíblia e fala desde Gênesis (onde não significa de ter medo dele, mas o respeito) e aqui no livro fala 4 vezes “temer a Deus”:

Ecl 3,14: “Compreendi que tudo o que Deus faz é para sempre. A isso nada se pode acrescentar, e disso nada se pode tirar. Deus assim faz para que o temam”.

É um pensamento tradicional: “os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos...” (Is 55,8). Então temer a Deus é respeitar o seu agir misterioso, incompreensível e não reduzir o pensamento divino a um esquema humano, como fizeram os amigos de Jó.

Ecl.5,6: “Quanto da quantidade de sonhos, provêm muitos absurdos e palavras, então teme a Deus”.

Na primeira parte do Ecl 5 fala do sacrifício no Templo. “Quando vai para o Templo não vai só para oferecer o sacrifício como fazem os estúpidos, mas vão para ouvir a Palavra de Deus”. Para os hebreus o único motivo de ir para o Templo é oferecer sacrifício. E aqui o Coélet diz de não ir para oferecer sacrifício, mas para escutar a Palavra de Deus. E “sejam poucas suas palavras, pois Deus está lá no céu e tu aqui na terra” (Ecl 5,1). Não perder tempo com sonhos e visões. Deus no céu e tu na terra. Poucas palavras e tanta escuta; e teme a Deus. Então temer a Deus significa entrar na atitude de escuta e reconhecer a nossa pequenez diante de um Deus tão grande diante do qual posso só abrir as orelhas. É um tema bíblico e tradicional.

Ecl. 7, 15-18: “Não sejas demasiadamente justo, nem te tornes sábio demais por que irias te destruir? Não sejas muito ímpio, nem te tornes muito estúpido, por que morrer antes do tempo?. É bom que agarre um sem soltar o outro, pois quem teme a Deus fará terminar um e outro”.

Então o critério de ética é temer a Deus.

Aqui reflete o tempo filosófico do autor: “Como ser homem virtuoso”? E **Aristóteles** respondeu com ética do “**justo-meio**”. E Coélet aqui diz que não é justo-meio, mas temer a Deus, não é nem a observância da Torah, mas temer a Deus.

Ecl 8, 11ss: O quarto texto diz que “um pecador sobrevive, mesmo que cometa cem vezes o mal,... porque eles temem a Deus. Mas é verdade também que um ímpio, após ter feito mal, sobrevive a longo tempo”.

Isso significa que Deus dá a vida e a morte não pela recompensa ou por mérito. “é obra de Deus, o homem não é capaz de descobrir toda a obra que se realiza debaixo do sol; por mais que o homem trabalhe pesquisando, não a descobrirá”. Não falas: “temo a Deus por que vou em paraíso”, mas temo a Deus e basta, sem esperar nem recompensa nem mérito. Então é um gesto de fé muito mais profundo do que de Jó.

Resumindo até aqui, os grandes temas de Coélet são 3:

- Tudo um sopro, não tem proveito debaixo do sol; a vida parece que não há sentido, a morte leva consigo tudo;

- Todavia, é possível viver as pequenas alegrias cotidianas como dom de Deus.
- Teme a Deus. Sem Deus tudo é um sopro e a alegria não existe mais.

5. A juventude:

E o livro termina falando da velhice e da juventude (Ecl 12):

Enquanto tem a vida goza-a, pois quando vem a velhice será tarde e nada vai te conseguir mais alegrar a vida, assim como aconteceu com rei Davi .

E o texto termina dizendo mais uma vez temer a Deus e observa os mandamentos, porque aí está o homem todo. Sim, Deus fará toda obra vir ao julgamento, tudo o que ela contém de bom e mau. O julgamento será então: Deus te deu a juventude, a força para viver e tu não viveste bem na hora certa. “Recorda-te da tua juventude...” (Sl 71).

SIRACIDE (ECLESIÁSTICO)

Todos os livros sapienciais tratam sobre a existência do mal: No livro de Eclesiástico, Ben Sira enfrenta o problema do mal, com um ponto de vista diferente e melhor após os livros de Jó e Coélet e é tratado pelos sábios de Israel. Todos três falam sobre a realidade do mal.

Autor e assinatura:

Este livro é o único do AT que assina com nome do autor, ao final do livro: “O livro hebraico termina assim (na nota de Bb de Jerusalém) “Até aqui: palavras de Simeão, filho de Jesus, chamado Bem Sirá. Sabedoria de Simão, filho de Jesus, filho de Eleazar, filho de Sirá (de Jerusalém). Que o nome de Jahweh seja bendito desde agora e para sempre”, de onde vem o título do livro: Sirácide.

Os cristãos do primeiro século evitaram falar de Jesus para não confundir com Jesus de Nazaré e assim ficou o livro de Sirácide. Ao final do livro fala de Simão II, que morreu no ano 150. E não conhece a revolta Macabaica e por isso não antes do ano 164.

O livro tem uma história complexa e recebeu alterações. Encontramos nas Bíblias traduzidas depois do ano 2008, algumas frases em itálico. Pois o livro de Eclesiástico era traduzida de hebraico e não temos o texto original completo, perdido nos cursos dos séculos e então usaram um livro reescrito pelo sobrinho

de Ben Sirá na língua grega 50 anos após a morte do seu avô Jesus. Ele se apresenta no prólogo “Meu avô escreveu em hebraico e estou traduzindo para grego” (v.7). E ainda existem duas traduções originais descobertas: uma longa e uma breve. E nós temos o texto deste sobrinho que escreveu em grego.

Atualmente temos alguma parte original do texto hebraico, além de possuir o texto grego reescrito pelo sobrinho de Jesus e ainda encontraram mais dois textos escritos em hebraico, uma parte a Qumran e outra no Egito. E aqui também tem duas traduções. E então em total temos 4 textos originais. E por isso não sabemos se o avô tinha escrito dois livros ou não. Permanece ainda o problema dos trechos que são canônicos ou não. São 4 textos diferentes. São Jerônimo não traduziu o Sirácide, pois ele não o considerava canônico.

PROBLEMA DO MAL

1. O homem frágil, Deus é misericórdia:

Bem Sirá é plenamente consciente que Deus é misericórdia. Ele considera que o homem não vale nada, (18,8) “Que é o homem? Para que é útil? Qual é seu bem e qual é seu mal? A duração da sua vida: cem anos quando muito..” (Sl 8. Já é diferente o sentido). Como uma gota d’água.... o homem tem uma vida breve e a que serve. Por isso Deus é misericordioso com ele..

Quanto mais o homem tem a vida breve e é frágil e pequeno, tanto mais Deus é misericordioso. Esta é a novidade de Ben Sira. Crê na misericórdia de Deus. (Sir 33,14).

2. O bem e o mal (equilíbrio da criação): Deus criou tudo.

Ele fala 33,14 Diante do mal está o bem, diante da morte, a vida.

Todas as obras do Altíssimo: o mal e o bem, a noite e o dia, a luz e as trevas, o sol e a lua tudo foi criado no equilíbrio. Ou seja, Deus criou o mal também. Nunca na Bíblia se diz que Deus criou o mal. Mas Ben Sirá usa a ideia do equilíbrio da criação que nenhuma outra parte a gente encontra. Ele traz **a ideia dos opostos:**

Podemos ver isso também num outro passo: 39,12ss O texto começa com um convite de louvor para a criação. Ao versículo 16 diz: “Quanto são magníficos todas as obras do Senhor! (è uma citação do Salmo 104) cada sua ordem será realizada a seu tempo. Não precisa dizer: o que é isto? Por que aquilo? Porque

tudo deve ser estudado a seu tempo? (Ecl 39,17). Então, segundo Bem Sirá, cada coisa criada tem seu projeto divino e vai ser realizada no tempo certo.

Na verdade, Coélet já tinha dito isso (Ecl 3,11) "Tudo o que Deus fez é apropriado, é bom, em seu tempo. Tudo o que foi criado tem sua ordem, sua razão de existir, seu projeto para ser realizado e vai ser realizado a seu tempo".

3. A Teodiceia (problema do mal) no Eclesiástico:

Eclo 39, 25: A atenção vai para teodiceia: sobre o problema do mal: Não existe mal em si, mas depende de uso de alguma coisa, é em relação a alguma coisa: v. 30: "Assim como os bens, desde o princípio, foram criados para os bons, assim os males foram para os maus." Depois diz:

"As coisas mais necessárias à vida do homem são: a água, o fogo, o ferro, o sal, o leite, o pão da flor de farinha, o mel, a uva, o azeite e o vestuário: todas essas coisas são bens para os fiéis, mas tornam-se males para os ímpios e os pecadores." São coisas que eram necessárias para a vivência cotidiana e então tudo Deus criou, seja o bem ou o mal segundo Bem Sira. "todas essas coisas são bens para os fiéis, mas tornam-se males para os ímpios e os pecadores."

"Fogo, granizo, fome e morte, tudo isso foi criado para a vingança, como também os dentes dos animais, os escorpiões, as serpentes, e a espada vingadora destinada ao extermínio dos ímpios. Todas essas coisas se regozijam com as ordens do Senhor, e mantêm-se prontas sobre a terra para servir oportunamente, e, chegando o tempo, não omitirão uma só de suas palavras. Por isso, desde o princípio estou firme em minhas idéias; refleti e as escrevi. Todas as obras do Senhor são boas; ele põe cada coisa em prática quando chega o tempo... Não há razão para dizer: Isto é pior do que aquilo, porque todas as coisas serão achadas boas a seu tempo" (Eclo 39, 32-40).

Então resumindo, se alguma coisa parece mal para nós também é um bem que vamos saber com tempo e se for um mal, isso é para os ímpios, para os pecadores, mas em si é um bem. Existe por isso um equilíbrio na criação. É uma ideia nova em AT.

4. Tudo foi criado perfeito: 42, 15- 33-43.

v. 24: "Ele nada fez que seja defeituoso. Ele fortaleceu o que cada um tem de bom. Quem se saciará de ver a glória do Senhor? " (Eclo 25-26). Aqui está a

base do Cântico das criaturas de São Francisco. Tudo foi criado perfeito, também aquelas coisas que nos parecem mal.

Aqui podemos entrever uma influência da filosofia estóica do seu tempo.

Não sabemos quanta influência Bem Sira teve no seu pensamento desta filosofia, pois ele era vivo e durante o período em que Bem Sirá escreve o texto, a época dele que em Jerusalém foi iniciado o primeiro ginásio grego, ou seja, no ano 75 a.C.

O ginásio era a porta para se tornar o cidadão grego. E era o caminho mestre para entrar no mundo grego. E os estóicos: “nada pode existir de bem se não existisse também o mal. Devem existir necessariamente em recíproca oposição. Existe o equilíbrio dos opostos. O bem e o mal evocam um ao outro, sem o bem não existiria o mal e vice-versa. A perspectiva estóica é panteística e por isso as realidades existem não porque Deus criou, mas porque é necessário que seja assim. Para Bem Sira Deus é o criador, co-existem o bem e o mal, porém a harmonia entre si para um bem maior, para um equilíbrio oposto. É uma visão nova, nem Jó nem Coelet tinham dito isso. Aqui podemos ver a abertura de Israel ao mundo grego.

5. Deus é o todo (43,27):

Ben Sira vai ainda além no **43, 27** ao final do hino ele diz:

"Poderíamos estender sem esgotar o assunto: numa palavra Ele é o todo" significa as plantas, os animais tudo é Deus: aparentemente parece que Ben Sira está influenciado pelo pensamento grego, pois é um pensamento panteístico, pensamento estoico, pensamento também da filosofia de hindu (um Deus não pessoal, não criador, mas um Deus presente nos seres vivos): a alma que está em tudo": nas plantas, nos animais etc. Embora São Francisco também cantou "Tu és o tudo" mas não no sentido panteístico, mas a presença de Deus, a beleza e o esplendor de Deus superabundante reversado em cada coisa criada.

Ben Sira continua dizendo: ele é grande, acima de todas as suas obras"... Que vossos louvores exaltem o Senhor..."Bendize o Senhor, exaltai-o com todas as vossas forças, pois ele está acima de todo louvor". Por isso Deus é criador para Ben Sira, diferente do Panteísmo estóico.

Ben Sira ainda toca num outro assunto: **Se Deus criou tudo, o bem e o mal, então Deus é justo e misericordioso?**

2 Baruc 48 (Livro Apócrifo), é um reflexo que nos mostra o pensamento dos judeus. “Senhor, não te irritas contra o homem, não te importas de nós, que somos um nada, se olhas para nós com tua justiça quem vai ser salvo, por isso usa a misericórdia sobre nós”.

Deus é justo, mas é misericordioso. 16,11: Piedade e cólera vem de Deus. Tão grande como a sua misericórdia é sua reprovação”. Em poucas palavras Deus tem misericórdia e a cólera. Ele pune e ele salva. Embora para a teologia cristã seja difícil explicar isso, Ben Sirá, não sendo nem um filósofo nem um homem teólogo ou religioso, mostra o pensamento judaico.

6. O homem é livre diante de Deus (diferente do pensamento apocalíptico de Enoc, tudo é culpa de satã):

Eclo 10,19: “Qual é a raça digna de honra? A raça dos homens. A raça dos que temem o Senhor. Qual é a raça digna de menosprezos? A raça dos homens, a dos que violam os preceitos. Então o homem é livre diante de Deus a observar ou não os preceitos do Senhor. No cap 15, 14 ele fala com maior clareza: “Desde o princípio Deus criou o homem e, o abandonou nas mãos de sua própria decisão. Se quiseres, observas os mandamentos para permanecer fiel ao seu prazer. Ele colocou diante de ti fogo e água para o que quiseres estenderei a mão...não ordenou a ninguém ser ímpio, não deu a ninguém licença de pecar” Eclo 15, 14-20.

O texto hebraico disse “Ele deixou à sua inclinação”. Cabe ao homem usar a razão e o discernimento. Deus criou o homem livre. De um lado Ben Sirá diz: o bem e o mal existem igualmente e do outro lado, o homem é livre de escolher o que ele quer.

O livro apocalíptico de Enoc da culpa à satanás e não ao homem, o homem é vítima do mal, vítima de um eventual acontecimento fazendo referência a Gn 3. Mas Ben Sirá diz claramente não é satanás, o homem tem a liberdade de escolher ou não o mal e o bem. (“Eclo 21, 27): quando o ímpio maldiz satã, ele maldiz a si próprio. O murmurador faz mal a si mesmo e é detestado pela vingança”.

No cap. 17 Ben Sirá trazendo em memória a criação fala:

“A toda carne inspirou o temor do homem, ... Eles receberam o uso de **cinco poderes** do Senhor, como sexto, **a inteligência** lhes foi dada em partilha e como sétimo a **razão**, intérprete de seus poderes. Deu-lhes o discernimento, uma língua, olhos, ouvidos e coração para pensar. Enche-os de conhecimento e inteligência e mostrou-lhes o bem e o mal...” Eclo 17, 1-8.

Aqui é o pensamento grego. O homem tem as faculdades para discernir, capacidade de valutar, de raciocinar com sua vontade e razão.

Ben Sirá, diferente de Coélet e Jó, vê a criação com olhos diferentes, mais equilibrado e mais otimista e evita aqueles pensamentos trágicos e negativos. O homem criado livre escolhe o seu bem ou o seu mal segundo sua liberdade . O mal vem como fruto do uso desviado das capacidades humanas.

7. O pensamento sobre a morte:

No cap. 18, 22. A respeito disso ele é tradicional.

“Nada te impeça de cumprir o teu voto a seu tempo, não esperes até a morte para o cumprires”.

Quando morre não tem mais tempo. Acabou tudo, pois Ben Sirá é ainda no AT, não crê na vida eterna. No 14,17: “Como uma roupa, toda a carne vai envelhecendo, porque a morte é lei eterna”. No 14, 11 diz: “Filho meu, na medida possível, trata-te bem e apresenta ao Senhor as oferendas, como convém. Lembra-te de que a morte não tarda e o pacto do Xeol, (mansão dos mortos), não te foi revelado. Pense antes, pois depois é muito atrasado. “Não te prives da felicidade presente... dá e recebe..” Se alguém te dá presente recebe-o pois com a morte não tem mais

Como comportar-se num banquete Cap. 31 e 32:

No Cap 32 e 33 Ben Sirá tem um pensamento otimista a respeito da comida, bebida, músicas e festas: Ele fala de como deve comer quando é convidado pelos elites, como deve comportar-se o jovem diante dos divertimentos e quais são as atitudes dos idosos a respeito dos jovens: 31, 18ss:

“Não comas demasiado num banquete. Julga os desejos do teu próximo segundo os teus. Serve-te como um homem sóbrio do que te é apresentado, para que não te tornes odioso, comendo muito. Acaba de

comer em primeiro lugar, por decoro, e evita todo excesso, para que não desgostes a ninguém. Se tiveres tomado assento em meio de uma sociedade numerosa, não sejas o primeiro a estender a mão para o prato, nem sejas o primeiro a pedir de beber. Não é um pouco de vinho suficiente para um homem bem-educado? Assim não terás sono pesado, e não sentirás dor. A insônia, o mal-estar e as cólicas são o tributo do intemperante. Para um homem sóbrio, um sono salutar; ele dorme até de manhã e sente-se bem. Se tiveres sido obrigado a comer demais, levanta-te e vomita; isso te aliviará, e não te exporás à doença. ... "Não repreendas o próximo durante uma refeição regada a vinho; não o trates com desprezo enquanto ele se entrega à alegria. Não lhe faças censuras, não o atormentes, reclamando o que te é devido" (31,18-25.41-42).

Eclesiástico, 32,3:

"Tu, mais idoso, fala, pois convém, mas com discrição, com séria competência. Mas não perturbes a música, nem te alongues em discursos, onde não há quem os ouça. Não te engrandeças sem propósito por causa de tua sabedoria. Como uma pedra de rubi engastada no ouro, assim é a música no meio de uma refeição regada a vinho. Como um sinete de esmeraldas engastadas em ouro, assim é um grupo de músicos no meio de uma alegre e moderada libação. Ouve em silêncio, e tua modéstia provocará a benevolência. Jovem, fala muito pouco de teus assuntos privados. Se fores duas vezes interrogado, que tua resposta seja concisa. Em muitas coisas, porta-te como se as ignorasses; ouve em silêncio e pergunta." (Ecl 32,3.6-12).

SABEDORIA

Introdução:

Sabedoria: é o último livro do AT escrito cronologicamente. Jó e Coélet colocaram o problema do mal, Eclesiástico tenta de responder, mas não crê na vida eterna e por isso tudo termina aqui na terra e, a Sabedoria vá além do mal e da morte destas respostas, fala da ressurreição:

Contexto e autor:

É um livro singular, foi escrito diretamente em grego, por um hebreu, não em Israel, mas em Alexandria, **durante o império de Augusto Otávio**, ou seja, já no tempo do Novo Testamento, talvez Jesus já era nascido. Quem está lembrado a história de Roma, sabemos que no ano 29 a.C. depois da batalha de Ázio, com a conquista do Egito e sucessivamente com a morte de Marco Antonio e Cleópatra¹, **o imperador Augusto Otávio² instaura a Pax Romana (no ano 9 a.C com a construção de Roma)** apesar das contínuas guerras seja com os países vizinhos que as guerras civis e, morre no ano 14 d.C. E ele se proclama como divino e todos deveriam incensá-lo. E o livro da Sabedoria fala dele no **Sb 14, 22ss.**

“Pois vivendo na grande guerra da ignorância, a tais proclamam a paz! Com seus ritos infanticidos, seus mistérios ocultos ou suas frenéticas orgias de estranho ritual já não conservam pura nem a vida nem o casamento... A todos estes males eles dão o nome Pax”.

No Sb 14, 15 fala da inovação do culto ao imperador:

“... e honra agora como deus o que antes era um homem morto”.

Exatamente neste período em que o senado romano considerava Júlio Cesar como um deus e a moeda romana com a imagem de Augusto Otávio por isso estava com o escrito: “Divus Iulius” . (Otávio como o filho de um deus!).

Todo isso nos mostra o contexto e o ambiente cultural em que foi escrito o livro de Sabedoria: o autor, um hebreu culto, que saiba bem a cultura helenista, tendo o domínio da língua grega o escreve em Alexandria do Egito.

Estrutura do livro

O livro divide em 3 partes:

1. (cc.1-6): A 1ª parte, os primeiros 6 capítulos, que tem como tema principal a vida eterna, a vida futura, o que vai acontecer depois da morte. O autor exorta de buscar a sabedoria, fugindo do mal, pois o homem foi criado para a

¹ Marcos Antonio era general romano e braço direito de Júlio César e como cônsul comandou as províncias orientais de Roma, que incluía até o Egito, e estando em Alexandria, ele se apaixonou com a rainha do Egito, Cleópatra VII, e casou-se com ela. Foi derrotado por Otávio (o futuro imperador Augusto) na última guerra civil da República Romana. Cometeu suicídio em 30 a.C., após ouvir que Cleópatra estava morta.

² Otávio era sobrinho-neto de Júlio César. Otávio foi o fundador do Império Romano e reinou de 27 a.C. a 14 d.C. Ele foi proclamado "Augusto" pelo Senado Romano, o que significava que era considerado um deus.

imortalidade de que ela é garantia. Todos conhecem: “A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem mortos; sua partida foi tida como uma desgraça...mas ele está em paz” Sb 3,1-5. (*Leitura das exéquias)

2. cc. 7-9: A figura da sabedoria, o que a gente viu no livro de Eclesiástico, uma mulher sabedoria, do coração do sábio.

3.cc. 10-19: A releitura do passado, trazendo para presente toda a experiência do Êxodo, de 1200 anos atrás.

Então o texto começa com o futuro, passa pelo presente e termina com o passado. O único modo de falar do futuro é ter uma história atrás. O futuro é fundado no passado. Sem a história não tem futuro. Se esquecemos do passado não tem futuro, o futuro já está morto. O livro da Sabedoria anuncia um futuro alegre pois tem um passado vivido. É isso que chamamos a história da salvação.

Como o livro da sabedoria responde ao problema do mal?

1. Deus não criou a morte, nem tem prazer em destruir os viventes. Tudo criou para que subsista: Desde início podemos ver a resposta:

“Deus não criou a morte, nem tem prazer em destruir os viventes. Tudo criou para que subsista; são salutareis as gerações no mundo: nelas não há veneno destruído, e o Hades (o poder da morte, o mal, o diabo) não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal” (1,13-15).

É um texto de grande peso teológico. Este pensamento Ben Sirá não tinha dito e, Jó e Coélet nem pensaram. O livro da Sabedoria diz que o mal e a morte não fazem parte do projeto da criação de Deus.

A pergunta é: então de onde vem o mal e a morte? Já o profeta Ezequiel também tinha falado: “Deus não goza da morte do pecador” Ez 18, 23. E “são salutareis as gerações no mundo”: Tudo o que foi criado traz em si a vida e são geradoras da vida e não da morte. Não só Deus criou tudo, mas cada coisa contribui para sua ação salvífica. Ou seja, tudo existe para o bem. E “nelas não há veneno destruído”: Não tem nelas o veneno da morte. O poder do mal não tem força sobre a terra e a justiça de Deus é imortal.

A pergunta permanece:

2. Se Deus não criou a morte então porque tudo o que nasce morre?

Os versículos seguintes respondem: “Mas os ímpios a chamam com gestos e com vozes, por ela se consomem, crendo-a sua amiga, fazem pacto com ela, pois merecem ser de seu partido”. Faziam os partidos dos mortos : “Nós nascemos do acaso e logo passaremos como quem não existiu (Sb 1, 16ss). “Vinde, pois, desfrutar dos bens presentes e gozar das criaturas com ânsia juvenil. Inebriemo-nos com o melhor vinho e com perfumes, não deixemos passar a flor da primavera” (Sb 2, 6-7).

Naquela época existia só o vinho e as mulheres para os prazeres e, não tinha a alegria efímera da droga ou da cocaína, ou, da baleia azul ou outras modalidades que existem hoje. E o texto diz: vamos eliminar os justos, pois nos incomoda:

“Oprimamos o justo pobre, não poupamos a viúva, nem respeitamos as velhas cãs do ancião... pois o fraco com certeza, é inútil. Cerquemos o justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas ações. Nos censura as faltas contra a Lei, nos acusa de faltas contra a nossa educação. Declara ter o conhecimento de Deus, diz filho de Deus... ele se tornou acusador de nossos pensamentos, basta vê-lo para nos importunarmos (Sb 2, 11-16).

Na verdade, segundo o Evangelho de Mt 27, os crucificadores zombam de Jesus usando este texto da Sabedoria. “ vamos ver se ele se salva a si mesmo, já que ele disse que é filho de Deus”. Ou seja, Mateus vê em Jesus, o Filho de Deus, esta personagem justa do livro da sabedoria que os ímpios quiseram eliminá-lo, pois para eles, o filho de Deus lhes importuna. Na verdade o que acontece ainda hoje mais ou menos.

3. Aqui parece que só os ímpios morrem. Mas morrem também os justos. Porque?

O cap. 2 termina dizendo: estes jovens ímpios depois morrem. “Assim raciocinam, mas se enganam, porque sua maldade lhes cega. Eles ignoram os segredos de Deus. Não esperam o prêmio pela santidade. Não creem na recompensa das almas puras. (Sb 2, 21-24).

O autor aqui lembra dos hebreus jovens que pelo contato com o mundo grego abandonaram a sua fé recebida dos pais e foram atrás dos enigmas misteriosos, dos cultos misteriosos, dos esoterismos. Os nossos pais e antepassados não tiveram estes mistérios ocultos, eram pessoas simples, as coisas de Deus não

tem mistério, ele se revelou e nossos pais o experimentaram na vida. Não precisamos por isso deste tipo de esoterismos. A sabedoria não há mistério. Em si ela é disponível àquele a quem a cerca. Por isso não precisa de esoterismo, a diferencia somente pode ver na sua vida ética, fruto daquele que encontrou-se com a sabedoria.

4. A recompensa das almas justas: a imortalidade.

E os Sb 2, 23-24 fala da recompensa das almas justas: “Deus criou o homem na (não para) incorruptibilidade e o fez imagem da própria natureza (Sb 2, 23): pela primeira vez encontra esta palavra na Bíblia: o homem criado na incorruptibilidade. Não corrupto não no sentido moral, mas no sentido físico, como São Paulo fala do corpo no 1Cor 15,42-44 falando da ressurreição dos corpos. O autor pega este pensamento da incorruptibilidade da filosofia Epicúrea. Epicuro usando a teoria atômica de Demócrito, fala que tudo é formado de átomos, que é como uma alma que vem das estrelas entra na pessoa, no corpo da pessoa e quando a pessoa morre, morre o corpo, mas os átomos que está no corpo não, eles sendo sujeito a quantidades infinitas e sujeitos a infinitas combinações não morrem, são eternos e indestrutíveis, estariam livres para constituir outros corpos.

Aqui o autor usa a palavra de Epicuro (que depois Lucrécio divulga): “a imortalidade”: “Deus criou o homem para incorruptibilidade e o fez imagem da própria natureza” (Sb 2,12).

Segundo o epicurismo, de fato, a vida é uma agregação e desagregação dos átomos nos corpos em formas diferentes exceto dos deuses, pois, o corpo (físico) destes não morre, não se corrompe, pois eles bebem uma bebida divina chamada “Ambrósia” (a-brotos (grego) = after-tos (grego)imortal) que não faz morrer seus corpos físicos. O autor do livro de Sabedoria pega este pensamento e o aplica à Gn 1,26. A criação (do corpo), para ele, é uma criação da incorruptibilidade. E São Paulo vai usar depois este mesmo termo para falar da ressurreição dos corpos que não se corrompe e isso será a base da virtude da esperança cristã. Deus criou o homem ... e o fez imagem da própria natureza: Esta fala é filosófica: o homem é imagem da natureza divina. Ou seja, ele não morre, como Deus não morre (Sb 2,24).

5. Então a morte vem de onde? Aqui fala da primeira e segunda morte.

Sb 2,24: “foi por inveja de diabo que a morte entrou no mundo, experimentam-na aqueles que lhe pertencem”: Fazem amizade com ela, com a morte e a causa é a serpente, que esquece de Deus e invoca a morte. O diabo aqui é a serpente de Gn.3. Ou seja, a morte é uma consequência do pecado do homem, de pertencer ao partido dele. Mas de qual morte que se fala? Aqui devemos ler à luz do cap. 3. “As almas dos justos – a vida dos justos (não é alma platônica, nem um átomo, mas) é íntima, é a pessoa. Quando usamos as almas dos justos é pensamento luterano, a fé cristã não é só cura das almas, mas da pessoa e esta está na mão de Deus. Nenhum mal lhe atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem mortos; sua partida foi tida como uma desgraça. ...mas sua esperança está cheia da imortalidade. (Sb 3, 1-4).

Como pode dizer que parece morto, se o corpo morre? Aqui devemos saber o pensamento do Filone de Alexandria, o filósofo judeu do século I: Ele diz que a morte, na realidade, é ambígua. Tem dois tipos de morte: a física que não é verdadeira morte (senão como podemos dizer que parece morto?) mas é aquela morte eterna que Deus não criou, mas pertence aos malvados. É o que São Francisco canta no Cântico das criaturas:

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.

A morte corporal é a morte que vem para todos, e é a irmã morte, pois não é um mal, não é uma punição de qualquer pecado, é uma realidade da criatura. Se morre, porque somos seres humanos e não somos deuses. E São Francisco canta: “Benditos os que forem achados na tua santíssima vontade porque a segunda morte lhes não fará mal”

“Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes á tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!”

A morte segunda não faz mal ao justo. Eis porque o livro da Sabedoria fala “parecem mortos”. Não são tocados pela morte verdadeira que é a eterna. Os malvados vão para Haden, na mansão dos mortos.

Então reassumindo:

O livro da Sabedoria fala que Deus criou tudo, criou tudo para a imortalidade e a morte corporal faz parte do projeto de Deus que não é um castigo e a morte eterna não faz parte do projeto de Deus, entrou no mundo pelo mal, pela serpente e quem é sujeito a ela, quem faz sua partidária vai morrer eternamente.

A morte é uma porta com duas saídas: para o justo, ser na paz e para os malvados ser no terror. O justo morre, como São Francisco, dizendo: “bem vinda irmã morte corporal” e para os malvados a morte é um salto no escuro, um salto para o vazio. De um lado o livro nos dá uma concepção positiva da criação: “Tudo foi criado para a existência e por isso a finalidade da criação é salvífica”.

6.O intervindo de Deus no sentido filantrópico (Deus ama a todos):

Para concluir, vamos para **cc. 11-12**. São dois capítulos onde podemos ver um o intervindo de Deus no sentido filantrópico, um Deus que quer resgatar a humanidade, um Deus filantropo.

Já no cap.1 o autor tinha dito: “o espírito do Senhor é um que ama o homem, amigo dos homens” (Sb1,6). É um texto polêmico, pois os Alexandrinos odiavam os estrangeiros, eles os jogavam no mar. E os hebreus eram os estrangeiros. E por isso eram sempre acusados pelas coisas piores, de ser sujos, doentes e pútridos, de roubar os trabalhos. E os hebreus lhes acusavam dizendo: Vocês são inimigos da humanidade, mas nosso Deus é um Deus filantropos, um Deus que ama a todos, ama até a vocês que nos rejeitam.

E no **cap. 11 o autor fala da bondade de Deus.**

Um Deus que vá além do conceito de Ben Sirá que falava: “Em Deus tem a misericórdia e a cólera (a justiça). Poderoso quando perdoa e poderoso quando castiga”.

E aqui no Sb 11, 15 vem apresentado o Deus de Israel (fazendo referência ao episódio dos cananeus e Josué) que diante daquele povo cananeu que eram todos inimigos, não os matou todos. Ele podia mandar os bichos, os monstros irracionais para lhes engolir, mas não o fez. Pois ele é um Deus de bondade:

“O mundo inteiro está diante de ti como esse nada na balança, como a gota de orvalho que de manhã cai sobre a terra. Mas te compadece de todos, pois tudo podes, fechas os olhos diante dos pecados dos homens, para que se arrependam. Sim, tu amas tudo o que criaste, não te

aborreces com nada do que fizeste; E como poderia subsistir alguma coisa se não a tivesse querido?” (Sb 11, 22-26).

É o único passo em todo AT que existe onde fala Deus ama tudo o que ele criou. Aqui tem pouco espaço para o diabo, para o mal. Deus ama todos e por isso tudo subsiste.

7. A Imortalidade:

Porque Deus ama todas as coisas? Pois, em todas as coisas está o espírito incorruptível de Deus. “Todos levam teu espírito incorruptível” (Sb 12,1). Esta é uma novidade. Aqui o autor usa a filosofia estóica: “o espírito de Deus em todas as coisas”. Aqui não no sentido panteístico como falavam os estóicos (ou seja tudo é divino), mas tem uma presença real em tudo o que existe. O espírito de Deus em todas as coisas (não sobre todas as coisas).

Então o livro da sabedoria fundamenta o problema da morte sobre o fundamento da vida. Pois “Todas as coisas são tuas, tu és o soberano (déspota em grego), tu amas a vida” (Sb 11,26). Então o Deus que a Sabedoria crê tem um só rosto, o da misericórdia. Podia matar a todos, mas não o faz, pois ele é misericórdia. “assim procedendo, ensinaste a teu povo que o justo deve ser amigo dos homens, e a teus filhos deste a esperança de que, após o pecado, dás a conversão”. (Sb 12,19) Deus ama a todos e então tu também amas a todos.

Aqui a gente vê que o que Jesus ensinou “amar a todos, até os inimigos” já está no At, no livro da Sabedoria. Tudo nasce da reflexão da criação. Os sábios começam a pensar numa situação concreta para chegar a um resumo teológico ou moral.

8. Os sete eventos de Êxodo (Sb cc.10-19), a Ressurreição, a vida eterna, o maná, o manjar da imortalidade:

Vamos concluir com o tema da ressurreição, da morte vencida. Ao final do livro da Sabedoria podemos ver uma miragem da luz que já é neo-Testamentário. De cap. 10 até ao cap. 19 temos sete reflexões sobre sete eventos do êxodo. Pela quarta vez, **Sb 16,15-29**, tem o **tema da maná**:

Deus faz chover sobre os egípcios o granizo e o fogo e, sobre os Israelitas o maná. O maná que o autor do livro da Sabedoria fala não é o maná de Êxodo, mas, **“Do céu lhes destes o alimento dos anjos, um alimento que contém**

todo sabor, um pão de mil sabores” (Sb 16, 20). Ou seja, qualquer coisa que te goste o maná te dá aquele sabor . Aqui na verdade “Pão dos anjos” é a tradução grega do Salmo 78,25 “Cada um comeu o Pão dos Fortes (são os anjos).

O que é interessante aqui é no cap. **19, 18ss** que retoma o tema do maná. E diz que a nova criação não consiste na destruição do mundo (senão será uma contradição ao dizer que Deus criou tudo para a vida) consistirá no renovamento do mundo como quando o mesmo musicista troca o ritmo e as notas com o mesmo instrumento; o instrumento é a criação, muda, porém, a música... E o texto, no último versículo diz que, **quem comer o manjar divino, o pão ambrosíaco (pão de vida, pão que é a comida dos anjos que não faz corromper, mas) mantém a incorruptibilidade.** A morte é vencida, pois na criação Deus colocou um elemento, comendo tal elemento a pessoa possui a vida eterna, a incorruptibilidade. Ou seja, na nova criação não só a morte é vencida, mas tem também o alimento para perpetuar na vida imortal. Esta é a ponte entre o maná do Êxodo e o mané do Evangelho de São João, cap. 6. “Os vossos pais comeram o pão no deserto, mas morreram, o pão que eu vos dou dá a vida eterna”. O livro da Sabedoria faz a ponte entre o AT e NT, entre o pão da morte e Pão da vida eterna.